

RELATO

“Perdi a visão... mas não a capacidade de criar”

Dilson Matos Pereira, inventor

A partir dos oito anos de idade, fui gradativamente perdendo a visão, vítima de uma retinose pigmentar. Aos dezesseis, ingressei no Instituto Benjamin Constant, pois minha visão já não me permitia estudar em um colégio comum, embora eu ainda pudesse me locomover sem a ajuda de ninguém. Depois de mais de quarenta anos de convivência com o IBC, onde hoje leciono, posso afirmar que devo ao Instituto o fato de ser um cego alegre e realizado, por ter me oferecido a formação educacional e moral que permitiu meu desenvolvimento, tanto profissional quanto pessoal.

Hoje, já com 60 anos, constato que ninguém melhor que um cego pode avaliar as necessidades de outro cego. Do meu cansaço em levar constantes tombos nas calçadas instáveis do Centro da Cidade do Rio de Janeiro, onde moro, veio a idéia de desenvolver uma bengala com roda na ponta, um invento desenvolvido e patenteado por mim.

Para os que estranham a demora no desenvolvimento dessa bengala, já que minha cegueira vem da infância, costumo ressaltar que seu uso só me foi necessário a partir dos 40 anos, já na década de 80, quando toda a minha visão tornou-se definitivamente comprometida pela doença.

Desde então, experimentei praticamente todas as bengalas, nacionais e importadas, disponíveis no mercado, mas constantemente caía em buracos e recebia empurrões ao andar pelas ruas. Sem contar que, não raro, elas amassavam e chegavam mesmo a envergar.

A solução para isso foi a invenção de uma que fosse de aço inox e que, com a roda em seu acabamento inferior, eu pudesse modificar para a rotação em espaços curtos à sua frente o usual movimento de toque longo com a bengala oblíqua ao chão. O invento provou resistir bem mais aos impactos, e permite que eu mapeie melhor o espaço a minha volta, evitando inclusive os riscos de uma tendinite.

Minha primeira tentativa de invenção, porém, foi a adaptação de uma roda em uma bengala de alumínio de um amigo meu, cego de nascença, por volta de 1989, pois queria testar antes o resultado do produto em uma pessoa que não tivesse memória visual pregressa, como era o meu caso.

Para mim, além da obtenção de mais segurança e comodidade, era importante saber se minha idéia cumpriria completamente a sua função, ou seja, desse segurança inclusive àqueles que não têm contornos e vultos gravados na memória.

Meu amigo, porém, não deu muita atenção ao meu invento, e acabei deixando de lado a idéia para me concentrar mais nas minhas demais atividades, que na época eram o magistério no próprio Instituto onde fui educado e a afinação de pianos em teatros e centros culturais aqui do Rio.

A idéia acabou só sendo retomada em 1997, muitos esbarrões e tombos depois da primeira tentativa. Foi quando substituí o alumínio pelo aço inox, que é muito mais resistente e não quebra, além de dar mais leveza ao objeto.

Comprei rodinhas usadas em cadeiras de escritório e, para que pudesse concretizar meu invento, cheguei a transformar um quarto da minha casa em oficina, equipada com serras, furadeiras, tornos, limas, cortadores, e todo o tipo de ferramenta que se fazia necessário.

Depois de desenvolvida e testada, a bengala definitiva ficou com cinco gomos (ela dobra até cinco vezes) e criei ainda quatro tamanhos-padrão, com alturas que variam entre a mínima de 1,08m e a máxima de 1,28m.

Fiz recentemente, no próprio IBC, um curso promovido em parceria com o Sebrae, para aprender, passo-a-passo, a abrir o meu próprio negócio, uma das minhas metas atuais.

Pretendo criar uma empresa para vender as bengalas, que hoje são feitas por encomenda, através de pedidos em sua maioria realizados por telefone. Já recebi cerca de vinte pedidos, de várias partes do país.

No curso, promovido com apostilas em Braille e módulos gravados em fitas cassete, fui orientado principalmente para o gerenciamento dos créditos obtidos para a abertura da empresa, para a elaboração de um plano de negócios e ainda para o acompanhamento após a concessão do crédito.

A bengala foi minha primeira criação, mas tenho trabalhado em muitos outros acessórios para cegos, e já tenho até uma lista de novos produtos a serem patenteados.

No decorrer das aulas do curso, fui amadurecendo a idéia de ser um empresário e meu próximo passo agora será com certeza a legalização de uma empresa e a ampliação dos meus negócios.

Há um mercado potencial para produtos destinados aos cegos que só descobri porque sou um deles. No entanto, só no Brasil, estamos falando de um público estimado em 2,2 milhões de deficientes visuais. A bem da verdade, não só os cegos, mas todos os demais portadores de deficiência são muito carentes de produtos que sejam adaptados às suas limitações.

Além disso, há muitos cegos que hoje são bem-sucedidos. Isso prova que vale a pena investir nos portadores de deficiência e estimulá-los a enfrentar as dificuldades.

Para os que estranham meus empenhos para a construção da empresa, ainda mais agora depois de aposentado, costumo salientar que, apesar de ter perdido a visão, cada vez aumenta mais a capacidade de pôr em prática as minhas idéias.